

«NÃO SOU UMA ACTRIZ DE TÉCNICA. SINTO O PERSONAGEM QUE INTERPRETO E PROCURO REAGIR COMO ELE O FARIA SE ACASO NÃO PASSASSE DE UMA CRIAÇÃO LITERÁRIA. TENHO NECESSIDADE DE AMBIENTE PARA TRABALHAR. ALGUÉM QUE FALE ALTO NOS BASTIDORES DESVIA-ME COMPLETAMENTE A ATENÇÃO».

Da persistência de um manequim,
nasceu uma actriz:

MARIA DELLA COSTA



O esfusiente sorriso de Maria Della Costa ao lado da grande Palmira Bastos

Estamos a uma hora do início do espectáculo. Na sala que antecede o camarim conversamos com a artista em ameno «bate-papo». Sobre um móvel de estilo vêem-se inúmeros cartões, telegramas e cartas de felicitações endereçadas à actriz e à sua companhia.

A sua interpretação de mulata requer demorada maquilhagem para se apresentar em cena com o tom de pele característico da raça.

— Que fazia você antes de ser actriz?

— Era manequim de alta-costura. Costava do teatro, mas do teatro que põe o espectador pregado à cadeira, aguardando o fim com ansiedade. Era, então, apenas uma frequentadora

das salas de teatro, sempre na esperança de ter a minha oportunidade.

— Que surgiu um dia...
— Graças ao convite de Bibi Ferreira, pela mão de quem entrei para o teatro fazendo uma «pontinha», na peça «Mirandolina». Rejubei e senti que a felicidade daquele dia valia a vida inteira.

— Que nos diz quanto à sua estadia em Portugal para estudar no Conservatório?

— Valeu-me aprender muito com bons mestres. Chegada ao Rio em meados de 1947, representei o papel de Inês na peça «Inês de Castro». Em 1949, formei com meu marido Sandro uma companhia, que designámos por Teatro Popular de Arte do Brasil.

Vencemos maus preságios, mas um dia atravessámos o Atlântico e obtivemos aqui extraordinário êxito. De regresso ao Brasil, tudo mudou. Hoje, o Teatro Popular de Arte representa a alma e a vontade de uma geração ao serviço do teatro brasileiro. «Gimba» peça de autoria de um dramaturgo brasileiro, posta em cena e interpretada unicamente por brasileiros, obteve o êxito «record» de seis meses de cartaz em São Paulo.

«TAMBÉM EU VIVI NUMA «FAVELA»

A propósito de «Gimba» declarou-nos:

— Sinto o ambiente da peça. Conheço a vida do morro, verdadeiramente heroica, em permanente luta

com a falta de água e de condições de higiene, nas barracas de madeira.

Proseguindo, Maria Della Costa revela o carinho de um espírito sensível pela gente que a viu nascer e crescer.

— Nasci numa aldeia do Estado do Rio Grande do Sul. Lá também existiam favelas e as casas de madeira eram bem pobres. A nossa única distração consistia em escutar os pássaros. Aprendi a amar a Natureza e respeitar a pobreza. Aqui tem a razão do meu grande amor — pois assim lhe quero chamar — a essa gente que vive no morro do Rio de Janeiro.

— O papel de Guiô na peça agora em cena é o mais agradável da sua carreira?

— Não. A Joana d'Arc da peça «O canto da cotovia», é o papel que mais adoro. Talvez seja pretensiosa, mas encontro nas lutas, nos anseios, nas esperanças e na fé de Joana, muito de mim própria. A minha vitória será a do Teatro Popular de Arte do Brasil.

Aqui têm os leitores da «Plateia» numa rápida imagem a vida de Maria Della Costa. Carota entre a gente simples da sua aldeia gostava de escutar o chilrear dos pássaros. Cresceu e, manequim, sonhou com o teatro. Formou companhia e ainda hoje, dia após dia, tem a preocupação de superar com a verdade da vida a sua falta de técnica. Não falta sentido humano aos personagens que interpreta.

A metamorfose de Della Costa na Guiô de «Gimba» patenteia-se no contraste entre estas duas expressões e a de cima



De relance...

Esclarecimento que se impõe

Realizaram-se no palco do «Trindade», espectáculos que constituíram a fase final do Concurso de Arte Dramática, entre associações de cultura e recreio. Porque poderá parecer estranho que, tendo esta revista uma secção de crítica teatral, não se tenha referido circunstanciadamente a esses espectáculos, achamos ser nossa obrigação explicar porque, bem contra a nossa vontade, não estivemos presentes no «Trindade». É nosso princípio, só comparecer, quando, das respectivas organizações, nos são facultadas as condições mínimas, para o bom desempenho do nosso trabalho. Não mendigamos acessos às salas de espectáculos, nem nos sujeitamos a situações que, por vezes se tornam vexatórias. Assim, uma vez que a entidade organizadora se esqueceu de nós, não nos enviando os necessários bilhetes, para estes espectáculos, ficámos impossibilitados de transmitir aos leitores da «Flama», o que se passou no teatro da «Trindade». Registamos o sucedido que, repetimos, só por esquecimento se compreende, ao mesmo tempo que se dá uma explicação aos leitores, pelos quais temos o maior respeito.

UMA ARTISTA PORTUGUESA NA ARGENTINA



MARIA AMÉLIA CANOSSA

Depois do êxito alcançado no Brasil, onde trabalhou em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, encontra-se desde os primeiros dias de Setembro em Buenos Aires, a popular cançonetista portuguesa Maria Amélia Canossa.

Logo que termine o seu contrato na Argentina, Maria Amélia Canossa regressará a São Paulo, com o fim de se despedir, temporariamente, do público brasileiro, voltando a Portugal, de onde tem recebido propostas de um empresário que deseja apresentá-la como atracção de umas das suas próximas revistas.

Boatos e VERDADES...

★ — A artista brasileira *Rose Rondelli*, que, conforme noticiámos no nosso último número, tencionava regressar ao Brasil, quando terminasse a carreira da revista «*Há Feira no Coliseu*», ficará para a companhia que está a ser organizada com destino ao «*Varietades*».

★ — A artista *Leônia Mendes* vai actuar na TV num programa cujo texto é de *Carlos Lopes*.

★ — A artista francesa *Danik Pattison* virá a Portugal assistir à estreia do filme «*O Primo Basílio*».

★ — «*O Fado que foste Fado*» é o título da revista com que reabrirá o «*Varietades*».

★ — No «*Monumental*» estreia-se dentro de dias a peça «*Gata em telhado de zinco quente*».

★ — A companhia de revistas do empresário *Giuseppe Bastos* que se encontra há alguns meses em África, está agora a actuar em Lourenço Marques, tendo dado por terminada a sua digressão por Angola.

OUÇA AS VEJETAS DO RITMO NA RÁDIO RENASCENÇA

ESPECTÁCULOS DE VARIEDADES no «COLISEU» DO PORTO

Apresentados e dirigidos pelo artista *Odyr Odillon*, o «*Coliseu*» do Porto passa a realizar, semanalmente, espectáculos de «*musico-hall*», para os quais estão a ser contratados alguns dos melhores artistas portugueses, que actuarão em conjunto, com atracções estranhas. Dentro dos dias, faremos o apontamento crítico a estes espectáculos, para o que se deslocará propositalmente ao Porto, o redactor desta página.

Sabemos que esta iniciativa da empresa do «*Coliseu*» e de *Odyr Odillon*, encontrou o melhor acolhimento por parte do público portuense.



ESPECTÁCULOS
Página de Rodrigues Piteira

O regresso de José Gamboa

Após largo período de afastamento da actividade teatral — facto a que recentemente nos referimos, publicando, nessa altura, uma entrevista com este apreciado elemento da cena portuguesa, na qual ficou suficientemente esclarecida a posição assumida por José Gamboa, em presença de certos males que têm afectado a vida do teatro em Portugal e apontados de forma desassomburada pelo nosso entrevistado — chega-nos a notícia de que José Gamboa e Irene Isidro vão trabalhar juntos, numa companhia do empresário Vasco Morgado.



Isto quer dizer que vamos voltar a ter ocasião de ver José Gamboa, num dos palcos de Lisboa. De forma alguma, podíamos ficar indiferentes, perante o regresso às lides artísticas de um dos melhores actores portugueses e, assim, cá estamos a assinalar um reaparecimento de que se fala.

e desde há muito aguardado, por todos aqueles que se interessam pelas coisas de teatro na nossa terra.

DANA GHIA — a «vedeta» do «Maria Vitória»

Para principal atracção da revista de Amadeu do Vale e Paulo da Fonseca «*Todos na Lua*», com a qual vai inaugurar a nova temporada o teatro *Maria Vitória*, o actor-empresário Eugénio Salvador contratou a artista italiana Dana Ghia.

Segundo estamos informados, Dana

pela primeira vez se desloca a Portugal, deseja agradar ao nosso público e fazer carreira entre nós. Impressionou-a a boa camaradagem que encontrou no «*Maria Vitória*», a cuja equipa de trabalho passou a pertencer.

Conforme temos feito notar nestas colunas, isto de «atracções» internacionais tem decorrido de forma pouco satisfatória. Oxalá Dana Ghia venha fazer-nos esquecer aquele grupo de suas compatriotas, que, no final da época passada, esteve no teatro «*ABC*».

A COMPANHIA de CACILDA BECKER em Lisboa



Ghia deixou a melhor impressão durante os ensaios, adaptando-se com relativa facilidade ao teatro revisteiro português. Alta, elegante e bonita, a simpática artista italiana que,

Brevemente, no «*Tivoli*», apresenta-se pela primeira vez em Portugal, a companhia brasileira da famosa artista *Cacilda Becker* que vem efectuar uma curta temporada em Lisboa, com o patrocínio do Governo Brasileiro. A propósito deste verdadeiro acontecimento artístico, realizou-se no «*Tivoli*», com a presença do Embaixador *Lafayette de Andrade*, *Encarregado dos Negócios do Brasil*, uma conferência de Imprensa, na qual falou aos jornalistas, o dr. *Baena Soares*, *Secretário da Embaixada do Brasil*, *Maria Della Costa* e a sua companhia no «*Capitôlio*», *Cacilda Becker* no «*Tivoli*» — o melhor teatro do país irmão em Lisboa.

DECLARA

Cacilda Becker:

Procuramos fazer teatro de equipa sem preocupações de "vedetismo"!

Palmira Bastos foi levar o seu abraço de camaradagem a Cacilda Becker. Vê-se na foto o actor Augusto de Figueiredo.



Três nomes de cartaz: Alma Flora, Vilarelare e Cacilda.



Duas «grandes» do Brasil: Della Costa e Cacilda.

DEPOIS de Maria Della Costa, chega a Lisboa o «Teatro de Cacilda Becker», Companhia que pelo seu valor artístico mereceu do Governo brasileiro a distinção de ser subsidiada e enviada, em representação oficial, ao nosso País. Acontecimento cultural da maior importância, o «Teatro de Cacilda Becker» fez a sua estreia em Lisboa com o original de Ariano Suassuna, «Auto da Compadecida». Obra escrita por um católico e representada na Universidade Católica do Brasil, o «Auto da Compadecida» está em cena, no Rio de Janeiro, há oito meses.

No decorrer de uma recepção à Imprensa, celebrada no último domingo, Cacilda Becker e seu marido consideraram a estreia da sua companhia em Lisboa como um passo audacioso para um conjunto tão novo.

«Embora lutemos com dificuldades — acentuou a actriz — procuramos fazer teatro de equipa sem preocupações de «vedetismo». Somos 14 pessoas dedicadas de alma e coração à Arte, em que cada um de nós é empresário

de si próprio».

A Companhia de Cacilda Becker dará espectáculos em Lisboa durante cerca de um mês, seguindo depois para o Porto e Coimbra. Em Dezembro, Cacilda e o seu marido, o director-actor Wolmar Chagas visitarão várias cidades da Europa em viagem de estudo, reaparecendo com a sua companhia em São Paulo, durante o mês de Março, para apresentarem o original de Nelson Rodrigues, «O Boca de Ouro». A categorizada actriz, três vezes premiada pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, manifestou a nossa reportagem a sua grande satisfação por esta primeira vinda a Lisboa, onde espera merecer o carinho do público.



DE entre os muitos valores que a música moderna italiana revelou e popularizou em todo o mundo, através de milhares de gravações, conta-se o nome de Marino Marini.

Marini é uma espécie de «Maria Callas» da música ligeira italiana e um dos artistas mais disputados pelos empresários. Naturalmente, a sua vinda a Portugal, para uma curta série de actuações, despertou o maior interesse e levou ao Aeroporto, como tem acontecido com outras tantas «vede-



Trazemos para os portugueses novas canções de Itália

simpatia de **Marino Marini**

tas», os seus admiradores mais entusiastas. Mas, se é verdade que este rapaz bonacheirão, um pouco atarracado, palrador e bem disposto é um artista extraordinário, também não é menos certo que o clamoroso triunfo que alcançou na Europa e na América deve-o à excepcional categoria dos restantes três elementos do grupo — Totó, Ruggero e Sérgio.

De resto é o próprio Marino que faz questão em falar dos seus «pequenos», recrutados entre 200 candidatos que responderam a um anúncio de jornal. O «Quarteto de Marino Marini» celebrou-se rapidamente. Alegria, juventude, ritmo, excentricidade — são as características fundamentais do popularríssimo conjunto que tem contribuído para a divulgação da «canzonetta» italiana.

À sua chegada a Lisboa Marino Marini saudou os jornalistas e disse que trazia para os portugueses novas canções de Itália, salientando o grande prazer que representava para os quatro esta primeira apresentação ao público de Lisboa. — Em cada uma das nossas canções há uma mensagem de simpatia para os portugueses!

